

## TRABALHO E EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: ANÁLISE CRÍTICA DO TRABALHO DOCENTE SOB O CONCEITO DE DESTRUTIVIDADE DO CAPITAL<sup>1</sup>

Keysa Katiere Garcia Secatti<sup>2</sup>

Lucelia Tavares Guimarães<sup>3</sup>

Estefani Gabrieli Alves de Souza<sup>4</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta um estado do conhecimento em dossiês sob o recorte da pandemia da COVID 19 nos anos de (2020-2021) na área da educação regido pelo conceito marxista da destrutividade do capital na atividade laboral humana aplicado ao trabalho docente. Para isso, o estudo buscou conhecer a produção científica, em forma de artigos, publicados na área da educação em dossiês temáticos sobre os impactos da pandemia na educação através da categorização do quantitativo de temáticas relacionadas ao trabalho docente, tais como a tecnologia, o EAD, ensino remoto x ensino presencial, o uso das TIC's por professores entre outros. A análise foi realizada de maneira qualitativa e os dados foram confrontados à luz do método materialista histórico-dialético que forneceu instrumentos de análise crítica frente às disposições da situação do trabalho precarizado e o acirramento destas questões agravadas pela pandemia. Os resultados demonstraram como as incursões da tecnologia na educação com propósitos e objetivos voltados para o acúmulo do capital cooptam a vida do trabalhador e assumem um conceito distorcido da função do trabalho enquanto atividade fundamentalmente humana.

**Palavras-chave:** Pandemia. Capital. Trabalho. Educação.

### WORK AND EDUCATION IN THE PANDEMIC PERIOD: CRITICAL ANALYSIS OF TEACHING WORK UNDER THE CONCEPT OF CAPITAL'S DESTRUCTIVITY

### Abstract

This article presents a state of knowledge in dossiers under the COVID 19 pandemic in the years (2020-2021) in the area of education governed by the Marxist concept of the destructiveness of capital in human labor activity applied to teaching work. For this, the study sought to know the scientific production, in the form of articles, published in the area of education in thematic dossiers on the impacts of the pandemic on education through the categorization of the number of themes related to teaching work, such as technology, distance learning, remote teaching vs face-to-face teaching, the use of ICTs by teachers, among others. The analysis was carried out in a qualitative way and the data were confronted in the light of the historical-dialectical materialist method that provided tools for critical analysis in the face of the provisions of the precarious work situation and the intensification of these issues aggravated by the pandemic. The results demonstrated how the incursions of

<sup>1</sup> Artigo recebido em 14/02/2023. Aprovado em 29/05/2023. Publicado em 06/07/2023.

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: [keysa\\_katiere@hotmail.com](mailto:keysa_katiere@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: [luguimaraes@uems.br](mailto:luguimaraes@uems.br) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8577-4886>

<sup>4</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba/MS (2021), Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Paranaíba/MS e aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, nível de Mestrado, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba/MS. E-mail: [gabiestefani99@gmail.com](mailto:gabiestefani99@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7669-6599>

technology in education with purposes and objectives aimed at the accumulation of capital co-opt the worker's life and assume a distorted concept of the function of work as a fundamentally human activity.

**Keywords:** Pandemic. Capital. Work. Education.

## **TRABAJO Y EDUCACIÓN EN LA PANDEMIA: ANÁLISIS CRÍTICO DEL TRABAJO DOCENTE BAJO EL CONCEPTO DE DESTRUTIVIDAD DEL CAPITAL**

### **Resumen**

Este artículo presenta un estado del conocimiento en expedientes bajo la pandemia del COVID 19 en los años (2020-2021) en el área de la educación regida por el concepto marxista de la destructividad del capital en la actividad laboral humana aplicado al trabajo docente. Para ello, el estudio buscó conocer la producción científica, en forma de artículos, publicados en el área de educación en dosieres temáticos sobre los impactos de la pandemia en la educación a través de la categorización de la cantidad de temas relacionados con el trabajo docente, como la tecnología, la educación a distancia, la enseñanza a distancia vs la enseñanza presencial, el uso de las TIC por parte de los docentes, entre otros. El análisis se realizó de forma cualitativa y los datos fueron confrontados a la luz del método materialista histórico-dialéctico que brindó herramientas para el análisis crítico frente a las disposiciones de la situación de trabajo precario y la intensificación de estas cuestiones agravadas por la pandemia. Los resultados mostraron cómo las incursiones de la tecnología en la educación con fines y objetivos encaminados a la acumulación de capital cooptan la vida del trabajador y asumen una concepción distorsionada de la función del trabajo como actividad fundamentalmente humana.

**Palabras clave:** Pandemia. Capital. Trabajar. Educación.

### **Introdução**

2020 foi o ano em que o mundo conheceu mais uma crise advinda das consequências nefastas do acúmulo exacerbado de capital: a pandemia da COVID 19, a qual afetou profundamente as estruturas sociais, políticas, econômicas e sanitárias. Surgiram, conseqüentemente, estudos em diversas áreas que procuraram compreender os impactos da crise e restabelecerem os elementos causadores da miséria, do desemprego, da fome versus o aumento vertiginoso da fortuna da classe burguesa.

Com efeito, a crise do coronavírus também atingiu o setor educacional<sup>5</sup>, pois o isolamento social impôs a reorganização do formato de ensino que passou a ser, na primeira fase, ou seja, na fase inicial, de presencial para remoto. De acordo com Lima *et al.* (2021) em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o MEC autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas que utilizassem tecnologias e serviços de comunicação virtuais por 30 dias. Posteriormente, a Portaria nº 345, de 19 de março de 2020, e a Portaria nº 473, de 12 de maio de 2020, prorrogaram o prazo por mais 30 dias. Por fim, por meio da Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, o MEC autorizou a substituição das aulas até o final de 2020, com exceção dos cursos que necessariamente demandam atividades presenciais.

---

<sup>5</sup> Discutindo os desdobramentos e os efeitos da crise da COVID 19 na educação e na concepção do desenvolvimento do trabalho docente, esta pesquisa foi motivada como forma de contribuição com o trabalho sobre os Desafios da Pandemia no Mato Grosso do Sul, a partir dos estudos marxistas sobre o conceito de trabalho e do método materialista histórico-dialéctico utilizado para as análises realizadas pelo Grupo de Pesquisas em Políticas Educacionais e Currículo da UEMS - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Essa determinação revolucionou a vida e o trabalho docente que, até então, era desenvolvido de maneira presencial, na maioria das instituições. Por isso, o inesperado isolamento social, em decorrência da pandemia, ocasionou a suspensão das aulas presenciais nas escolas em 189 países, afligindo 98,5% dos estudantes a nível global, isso impulsionou o ensino emergencial online e as plataformas de aprendizagem digital, como medidas provisórias para os sistemas educacionais ao redor do mundo (UNESCO, 2020).

Toda essa mudança aconteceu de múltiplas formas, pois foram determinadas pelas particularidades de cada realidade, dada a necessidade do trabalho educacional. A distinção se deu de acordo com “a natureza pública ou privada das instituições, ou com os cursos (com disciplinas mais teóricas ou mais práticas) e com o perfil socioeconômico das/os professoras/es e das/os estudantes” (LIMA *et al.* 2021, p. 126).

A partir das problematizações oriundas da mudança abrupta do formato de ensino e da imposição do ensino remoto e do trabalho docente remoto, sem considerar as particularidades que mediam as relações de trabalho, estabelecemos que nosso ponto de partida seriam as ramificações dos conceitos e análise da categoria trabalho encontradas no livro do professor Ricardo Antunes, *Coronavírus: O trabalho sob o fogo cruzado*, o qual possibilitou o estudo dos pressupostos marxistas sobre a importância do trabalho, mas também, ressaltou a sua subutilização no projeto de longa duração no sistema capitalista por mais acúmulo de capital em um processo destrutivo e autofágico.

Assim, esta produção tem como objetivo geral apresentar uma análise dos dossiês que foram publicados na área da educação no contexto da pandemia (2020 a 2021) à luz do materialismo histórico-dialético, a partir das concepções de trabalho e sobre destrutividade do capital nas atividades laborais. Além disso, cabe ainda inserir como objetivos secundários, a apresentação do referencial teórico marxista sobre os conceitos de educação e trabalho e realizar a análise qualitativa do quantitativo de temáticas relacionadas ao trabalho docente em publicações nos dossiês sobre a pandemia, de modo a observar como as categorias elencadas como principais para pesquisa aparecem nas publicações.

Para alcançar os objetivos almejados, optou-se por uma interpretação dos dados por meio da obra apresentada por Antunes (2020) sobre o tema trabalho e pandemia, na qual o sociólogo discute, profundamente, sobre a letal relação entre crise estrutural do capital, há tempos em curso, e o contexto da atual emergência de saúde pública. Por essa análise da situação pandêmica frente a perspectiva da destrutividade do capital cabe, ainda, observar a inserção da categoria trabalho e a sua importância frente ao quantitativo de publicações, com o

objetivo de compreender as implicações da destrutividade do capital na área educacional e na relação trabalho docente e educação.

Lacerda e Greco (2021) fornecem na obra organizada sobre a temática do ensino remoto informações sobre a precarização do trabalho na educação. Segundo os autores os professores se depararam com diversas demandas educacionais, e emocionais, ao serem obrigados a repensar seus processos de trabalho. “Em geral, grande parte da sobrecarga de trabalho recai no planejamento, preparo de atividades, uso de TIC 's (Tecnologias de Informação e Comunicação) e utilização do ambiente domiciliar como ambiente de trabalho” (LACERDA & GRECO, 2021, p. 33). Esses dados servem, portanto, para subsidiar o conceito de destrutividade do capital no capitalismo pandêmico e a respeito disso, pode-se historicizar sobre a precarização do trabalho frente aos mecanismos de acúmulo de capital na/para utilização de uma educação adaptada ao capitalismo.

Assim, nosso trabalho também buscou encontrar nos dossiês temáticos sobre a pandemia, na área da educação, a relação dos assuntos mais discutidos relacionados ao trabalho docente e educação e, através deste levantamento, destacou-se categoria trabalho para verificar sua importância e o quanto a crise da COVID 19 ameaçou a vida dos trabalhadores e deturpou o conceito de trabalho, tanto quanto outras crises causadas pelo acúmulo do capital. Como consequência, desenvolveu-se o entendimento de trabalho como um direito vital que abrange toda e qualquer forma de humanidade.

No horizonte, ao resgatar o conceito de trabalho e educação, a análise permitiu contribuir para a utilização desses estudos para fins teóricos ou pragmáticos e se realizar como instrumento do conhecimento. Desse modo, o presente artigo se encontra dividido em cinco seções. Nas quais, encontramos a apresentação do tema, o método e os objetivos por meio da introdução, a segunda adentra a temática da pesquisa com discussões sobre a relação pandemia, capitalismo e a categoria trabalho, logo adiante aparecem os dados relativos à análise dos temas dos dossiês a metodologia adotada, respectivamente. E por fim, as discussões realizadas por meio do material obtido à luz do método de Marx.

## **1. Capitalismo, pandemia e trabalho: compreendendo a destrutividade**

### **1.1. Capitalismo pandêmico x pandemia do capital: a semântica da destrutividade**

A respeito do título dessa seção, poderíamos explorar a polissemia do conceito e o entendimento dos termos, todavia, pretende-se aqui também dissertar sobre os conceitos originados a partir dos estudos do capital e apresentar as concepções sobre cada um deles. Ademais, intuímos apresentar o conceito de pandemia, que para o leitor do nosso tempo, tornou-se um termo familiar, tamanha a quantidade de vezes em que foi mencionado, no entanto, o faremos relacionado com o fenômeno da produção e reprodução do capital. Já o capitalismo, ou capital, não se deu apenas no contexto da pandemia da COVID 19, mas, originou-se séculos atrás, fez/faz parte da história da humanidade como motriz de muitas outras crises.

Pandemia é a escala e a frequência com a qual uma doença se dissemina (FIOCRUZ, 2021). Sendo a pandemia, a maior delas, seguida pela escala de endemia, epidemia e surto. Assim, quando falamos em pandemia nos referimos a uma disseminação patológica a nível global. A relação que se faz entre capitalismo e pandemia é, portanto, o caráter patológico de ambos e sua expansão em larga escala, desenfreada no mundo todo (ANTUNES, 2020).

Traz-se, assim, nesta reflexão, a partir da leitura de Antunes (2020), a adjetivação de pandêmico para capital ou capitalismo. Isso se dá, não apenas pelo fato do capitalismo ser um sistema que busca pela expansão do capital através da forma como a qual os homens na sociedade se organizam para a produção de bens, conforme Marx (2013), mas pela constatação de que essa organização trouxe também a destruição do próprio homem, da natureza, das estruturas sociais, do bem-estar, assim como a pandemia o fez.

Não obstante à relação semântica dos termos que faz com que sejam parecidos em si, tem-se também a lamentável comparação de como a própria Sars-cov 2 opera para destruir o sistema imunológico e respiratório, causando, portanto, a morte do indivíduo ou sua séria debilitação. Com base nisso questiona-se: Não seria o capitalismo no nosso sistema social também um vírus?

As comparações entre o corpo humano e a saúde, assim como, o funcionamento do capitalismo no corpo da sociedade, não param apenas por aqui. Na literatura marxiana cunhou-se o termo metabolismo social para melhor compreender as complexas engrenagens e mecanismos que movem o sistema de reprodução do capital, tendo como centro o trabalho.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu *metabolismo* (grifo nosso) com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua

própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2013, p. 297)

Conforme Antunes (2020), essa formulação marxiana obteve rico desenvolvimento analítico no trabalho do autor István Mészáros. Dessa forma, o autor foi capaz de oferecer uma inteligência completa de como esse sistema atua para reproduzir-se e ampliar o capital. Para o autor essa relação é necessária para expressar a real interação metabólica entre natureza e sociedade através do trabalho humano. O foco é sempre a produção de mais capital, pois as engrenagens do metabolismo social do capital não possuem limites para a sua expansão. Segundo Antunes (2020) “a resultante deste processo é uma acentuada destrutividade”.

O diálogo com Marx é fundamental na obra de Mészáros. Segundo Antunes (2020), a concepção dos dois autores sobre o capitalismo se difere, dado que fizeram leituras diferentes, justamente por pertencerem a contextos distintos, para Marx, o capitalismo já possuía em seu cerne características destrutivas, mas à época, apresentava-se como a superação tênue das mazelas históricas causadas pelo feudalismo e pelo sistema escravagista romano. Todavia, Mészáros manifestou suas concepções anos depois do desenvolvimento deste sistema e pôde testemunhar sobre suas contradições e iniquidades.

Concernir o sistema capitalista como o gerador de destruição, contradições e mútuas crises demanda reconhecê-lo como parte do que Antunes (2020) conceitua de metabolismo antissocial do capital, pois seus efeitos geram mortes, desigualdades, fome e miséria, todos contrários ao desenvolvimento e prosperidade da sociedade. Isso porque, segundo Mészáros, o metabolismo tem como sustentação três elementos: capital, trabalho assalariado e Estado.

O capitalismo contemporâneo atingiu um estágio de disjunção radical entre produção genuína e auto-reprodução do capital não é mais uma remota possibilidade, mas uma realidade cruel com as mais devastadoras implicações para o futuro. Ou seja, as barreiras para a produção capitalista são, hoje, suplantadas pelo próprio capital de formas que asseguram inevitavelmente sua reprodução - como auto-reprodução destrutiva, em oposição antagônica à produção genuína. (MÉSZÁROS, 2006, p. 699)

Dado a ação desse metabolismo, Antunes (2020) afirma que a corrosão do trabalho genuíno, tornou-se o maior imperativo do nosso tempo. Pois, a produção do capital é, sobretudo, “num grau muito maior que qualquer outro modo de produção, uma dissipadora de seres humanos, de trabalho vivo, uma dissipadora não só de carne e sangue, mas também de nervos e cérebro”. (MARX, 2013, p. 116)

Assim, conforme o exposto, acredita-se que não há maiores dificuldades em relacionar a expansão do vírus de 2020 com a expansão do capitalismo, suas formas de destruição através de um metabolismo autofágico que usa da capacidade laborativa dos seres humanos para crescer, expandir e se disseminar, ao mesmo tempo em que, mina toda oportunidade de trabalho digno e produção genuína. Esse é um paralelo exemplificativo estabelecido pela análise de Antunes (2020) a mais uma crise gerada pelo acúmulo de capital, e que, dentre muitas outras consequências, muitas delas assentadas nas bases de produção e reprodução do capital, gera mais capital e destrutividade.

A devastação sistemática do trabalho pelo capitalismo virótico, não é, segundo Antunes (2020), algo que se constitui como novidade nos nossos tempos, mas apenas uma das consequências do acúmulo e expansão em busca da produção de mais capital. “O acúmulo de capital é um projeto de longa duração e por isso, o metabolismo não pode ser rompido” (ANTUNES, 2020). Portanto, podemos chamar este fenômeno tanto de capitalismo pandêmico, porque expande, como de pandemia do capital, pois é mais uma crise gerada devido ao acúmulo de capital. A pandemia é consequência de um sistema letal à natureza e ao trabalho de todos que estão em busca de sua autoemancipação humana e social.

Dessa forma, conforme Bezerra (2019) é preciso romper com as formas avassaladoras de trabalho no capitalismo para um amadurecimento das forças produtivas e adequação do trabalho para a finalidade de produção dos bens necessários à vida humana. Assim, o desenvolvimento humano orientado a partir das forças produtivas, essas sim a chave e premissa socio metabólica objetiva para a emancipação humana, isto é, a única senda para interromper e extirpar a reprodução socio metabólica do capital, permitindo com isso o desenvolvimento multilateral e universal da individualidade consoante ao pleno desenvolvimento das forças produtivas tornado condição de produção, ou seja, criando-se um metabolismo da emancipação.

## **2.2. Trabalho vivo x trabalho morto: a cooptação da vida do trabalhador**

Como consequência do capitalismo virótico, surgiram conceitualmente alguns sintomas<sup>6</sup> da destrutividade do capital, que mais adiante, por meio da análise do material do dossiê, poderemos identificar e discutir, mas, no que compete esclarecer por enquanto, ficaremos com a conceituação de trabalho.

---

<sup>6</sup> O texto utiliza-se, ainda, neste trecho, vocabulário relacionado à saúde em referência ao período pandêmico em relação ao metabolismo antissocial do capital.

Com finalidade de analisar essa categoria também no âmbito educativo, o entendimento do que se tem do metabolismo social nos ajuda a compreender que as engrenagens desse sistema operam para produzir mais capital. O trabalho, para mais capital, a arte, para mais capital e a educação dos indivíduos, servirá, conseqüentemente, para a produção de mais capital e assim para todas as outras coisas. Conforme já mencionado, para Marx, o metabolismo consome, não apenas carne e sangue dos trabalhadores, mas também, cérebro e nervos. Nesse contexto de pandemia, viu-se os dois.

Na obra, *Coronavírus: o trabalho sob o fogo cruzado*, Antunes (2020) demonstrou as contradições do capitalismo em tempos pandêmicos e apontou direções para diversas análises empíricas e epistemológicas. Como nenhuma outra crise que o capital causou, esta, de longe, foi a que mais trouxe privação ao trabalho, ou formas degradantes e letais do trabalho. Pois os trabalhadores, segundo o autor, se viram sob o fogo cruzado, de um lado o isolamento (necessário para evitar a disseminação do vírus), do outro, as urgências da fome, do desemprego, da informalidade, intermitência, uberização, terceirização e subutilização. Mas, essa condição foi imposta, sobretudo somente àqueles ou àquelas que só recebem salário quando executam algum tipo de trabalho (ANTUNES, 2020).

Ou seja, o trabalho e o trabalhador encontraram-se sob o fogo cruzado, porém, houve, classes, setores e pessoas mais penalizadas do que outras, pois Antunes (2019) afirma que “sem trabalho, não há valorização do capital, e por isso, aqui, reside um traço parasitário do sistema”, é preciso, considerar que sem a apropriação do trabalho da classe trabalhadora o capital não se reproduz.

As pessoas das classes menos favorecidas foram as mais prejudicadas, expondo-se aos dois maiores riscos trazidos pela pandemia, de um lado a morte pela falta de trabalho, desemprego, fome etc., e do outro, a morte pela exposição ao contágio através da necessidade do trabalho. Ou seja, aquilo que seria parte da produção genuína, necessário para a subsistência humana, foi sequestrado pelo metabolismo antissocial e tornou-se letal para a vida humana.

Há, portanto, aqueles que atribuíram às campanhas de prevenção ao contágio da COVID 19, contrários ao “fique em casa”, a pecha de que a atual crise econômica foi desencadeada pelos processos de prevenção do contágio. Pois, o *lockdown* e o distanciamento social foram os responsáveis por impedirem o trabalho de milhares de pessoas. Fato é, que, o trabalho é vida.



A pandemia é a morte<sup>7</sup> e o trabalho a vida, porque produz condições para a existência humana, mas, e quando o trabalho pode, também, representar a morte?

Essa contradição, equação inexecutável, posta pelo capitalismo, só pode ser dissolvida se compreendermos o sentido que o metabolismo atribui ao trabalho. O trabalho, primordialmente, é a práxis da própria natureza humana, esse entendimento é o que chamamos de trabalho vivo. Mediante o pensamento de Marx logo abaixo.

[O trabalho vivo é o] ato que se passa entre o homem e a natureza. Nele, o próprio homem desempenha, diante da natureza, o papel de uma força natural. As forças de que seu corpo é dotado, braços e pernas, cabeça e mãos, ele as põe em movimento, a fim de assimilar matérias, dando-lhes uma forma útil à sua vida. Ao mesmo tempo que ele age, por meio desse movimento, sobre a natureza exterior e modifica-a, ele modifica sua própria natureza e desenvolve as faculdades que ali repousam (Marx, 2013, p. 139).

A relação dos seres humanos com o trabalho vivo conforme conceitua Marx (2013), ou genuíno como utilizado por Mészáros (2006), constitui-se fator essencial do desenvolvimento humano em uma espécie de interação orgânica com a natureza. Quando o trabalho é instrumentalizado para a produção de capital, em forma de lucro, no sistema capitalista, cria-se um metabolismo nocivo à humanidade e assume função oposta ao papel de uma força natural. Logo, necessita de mecanismos de controle pelo Estado, torna-se assalariado e, assim, é operacionalizado para produzir somente mais capital, objetivando o lucro e não atender as necessidades humano-sociais.

O trabalho assalariado, mencionado acima, organizado pelo próprio sistema capitalista, é o contrário do trabalho vivo ou genuíno. Embora ele produza bens e serviços, estes não são relativos ao sujeito<sup>8</sup> que produz e, sim, estão à serviço do acúmulo do capital. Dessa forma, o sujeito não se desenvolve e nem se beneficia das facilidades advindas da execução do seu trabalho.

A produção de bens não está voltada para a geração de valores de uso, não com o objetivo de atender as necessidades humano-sociais, mas para produzir valores de troca visando o lucro. E, uma vez que o sistema de capital é tão mais lucrativo, quanto menor for o tempo de vida útil das mercadorias, sua feição só pode ser, em si e para si, a de um sistema destrutivo, cujos imperativos o impulsionam a criar sempre mais mercadorias. (ANTUNES, 2020)

---

<sup>7</sup> Segundo Brasil (2023) o número atualizado de mortes causadas pelo vírus COVID 19 encontra-se em 697.674 em 12 de fevereiro de 2023.

<sup>8</sup> A práxis – cujas duas modalidades elementares são o trabalho e a necessidade – é também o nome da vida compreendida como força produtiva. Sua natureza é, segundo Marx, imediatamente subjetiva.

A essa configuração de trabalho deu-se o nome de trabalho morto, pois a natureza inerente do trabalho na concepção marxiana, tida como o propulsor da vida, é sequestrada pelos propósitos de expansão do capital. A cada crise gerada por esta expansão, cria-se mecanismos nefastos de desvalorização do trabalho genuíno, pois, neste sistema, ele também é considerado uma mercadoria, a este fenômeno Antunes (2020) chama de coisificação do trabalho. Logo, todo o fazer humano começa a fazer parte de uma espécie de obsolescência programada.

A tecnologia, portanto, produto do trabalho humano, também coisificada e subvertida para atender a demanda de produção por mais capital, tem sido responsável como subterfúgio para cooptar a vida dos trabalhadores. Um dos sintomas do capitalismo virótico, é a utilização do EAD (educação à distância ou remota), o home office, serviços por aplicativos, call center, inteligência artificial e outros para precarizar o trabalho humano e criar crises em vários setores, sobretudo as relacionadas ao desemprego.

Segundo Antunes (2020) nesta fase atual, em que as tecnologias de informação e comunicação (TICS) se encontram plasmadas, impulsionadas e comandadas pelas relações capitalistas em sua forma mais destrutiva, o quadro vem se agravando sobremaneira, e a esse trágico cenário de devastação, veio a se somar à pandemia com todas as suas demandas por distanciamento social, privação de contato humano para conter a disseminação do vírus, lockdown, etc. Ou seja, ao trabalho morto, acrescentou-se ainda o risco de morte iminente pelo contágio do vírus.

### **2.3. A destrutividade do capital pandêmico não é para todos...**

No Brasil, a situação do trabalhador encontra-se em estado de desolação. No relatório produzido pelo IPEA (2021) afirma-se que desde os anos 1980, o país sofre as consequências da crise estrutural do capital que desencadeou o processo de precarização do trabalho, e que, em países como o Brasil, isso gerou um duplo efeito: uma forte disputa para a institucionalização das formas de subemprego e um agravamento da informalidade. Historicamente, as relações de trabalho representam um objeto de luta constante por aqueles que dependem dele para sua sobrevivência. O que nos leva a um recorte de classe, gênero e raça inevitavelmente, pois a destrutividade do capital é mais acentuada para alguns indivíduos que outros.

Dados cada vez mais severos, indicam que desde o início da pandemia, em 2020, a situação do trabalho, nesse contexto, já se encontrava em constante queda, sobretudo se

considerarmos as constantes incursões dos propósitos burgueses para a exploração do trabalho com vistas para o acúmulo do capital. Tal que, em 2017 essa precarização teve expressiva materialização na reforma trabalhista que aconteceu durante a gestão Temer. Para Soldera (2020), em transcrição de uma entrevista dada pelo professor Ricardo Antunes, na qual ele explica que nesta época a situação do trabalho se agravou, ainda mais, com a “reforma trabalhista, a terceirização total, e a PEC da previdência, isso significou a tragédia se anunciando no Brasil” (SOLDERA, 2020, p.432), tanto para os trabalhadores informais como para os formais.

Ao se pensar no trabalho enquanto atividade remunerada necessária à sobrevivência, durante a pandemia, os trabalhadores se viram desafiados a escolhas, em que deveriam optar por continuar exercendo suas atividades (estas consideradas essenciais) para terem acesso ao básico, como, saúde, alimentação, moradia, ou o risco de se contaminarem com a doença ao se submeterem ao trabalho durante esse período.

É possível compreender, a partir de Antunes (2020) e a metáfora do fogo cruzado, que a pandemia se configura uma intensificadora de desigualdades das relações de gênero, classe e raça com o objeto de trabalho. O discurso por de trás de todo o cenário caótico em que se deu a privação e toda forma de precarização do trabalho, fez ecoar a ilusória ideia de que “Estamos todos juntos nessa”. Mas, não no capitalismo pandêmico.

Esses dizeres, comumente disseminados, não poderiam estar mais longe da realidade, visto que, conforme cada marcador (gênero, raça e classe) presentes na vida dos indivíduos, acentuou, em maior ou menor medida, os desafios e dificuldades perpassados por cada um, fazendo com que as minorias, sejam, inevitavelmente, as mais afetadas. Com efeito, Antunes (2020) afirma que a divisão sociosexual e racial do trabalho penaliza ainda mais as mulheres negras, pois estas são submetidas de forma particular às diversas formas de violência e privação.

De acordo com os apontamentos de Antunes (2020), o período pandêmico representa uma crise estrutural do capitalismo, posto que a doença, não só vitimou milhares de pessoas, como também, acentuou gravemente o desemprego e as relações de trabalho foram brutalmente vilipendiadas (isso decorre das mudanças no mundo do trabalho, a reforma trabalhista de Temer, em 2017, mencionada por Antunes (2020) na entrevista do autor Soldera (2020) e as alterações no ministério do trabalho no governo Bolsonaro.

Como resultado, de constatação da dinâmica das subalternidades das relações humanas e do valor à vida tem-se que durante a crise, o indicador da classe social e muitas outras determinações causadoras das opressões se materializaram em um cenário em que: “A patroa

branca se curou (da COVID 19) e a trabalhadora negra faleceu” (ANTUNES, 2020). O autor ainda demonstra que as discriminações de gênero, de classe, etnia se expressaram ainda mais durante a pandemia.

#### **2.4. Pandemia, educação e trabalho docente: a combinação para a precarização?**

A precarização do trabalho ocorre a partir uma série de condições que são estabelecidas no ambiente trabalhista, que vêm sendo demonstradas fortemente desde a década de 1970, ao passo em que as políticas neoliberais aparecem cada vez mais presentes, tornando muitas vezes, determinados trabalhos desqualificados e empobrecidos (ROSENFELD, 2011).

O trabalho docente segue essa mesma regra, em que novas condições para atuação surgem gradativamente, na medida em que as exigências exacerbadas e pouca formação adequada levam a uma categorização equivocada de desqualificação dessa profissão. Com a pandemia, houve o aumento evidente desses casos, com o agravamento causado por uma sociedade calcada em preceitos do capitalismo neoliberal (SANTOS, 2020).

A atuação docente durante a pandemia passou por uma remodelagem, visto que a mudança do formato de ensino afetou diretamente o trabalho dos professores de todas as etapas de ensino, uma vez que com a necessidade do distanciamento social, houve a introdução dos meios tecnológicos, vista como opção mais viável para o prosseguimento com as atividades acadêmicas e escolares (SOUZA *et. al*, 2021).

A inserção da tecnologia como principal mecanismo facilitador do ensino, propiciou uma adaptação forçada a esses novos meios de trabalho e ainda demonstrou as dificuldades perpassadas por aqueles que não havia como ter acesso às ferramentas adequadas para desenvolver as atividades necessárias, desvelando assim, uma forte desigualdade social, já existente, porém acentuada pelas mudanças trazidas pela pandemia (SOUZA *et. al*, 2021).

Sobre o papel docente, Santos (2020) afirma que a dificuldade inicial se encontra na pouca ou inexistente formação voltada para atuação como professor a distância, pois na cibercultura, muitas vezes os educadores não sabem as formas de utilizar as ferramentas tecnológicas para o ensino, por não ser uma prática corriqueira. Tal fato fez com que a pressão durante a pandemia aumentasse ainda mais, para que esses profissionais se elevassem ao *status* de profissionais em tecnologia, quando não haviam tido acesso nem mesmo a uma formação inicial para tal.

Com as novas configurações de trabalho, criou-se novas estratégias para que as aulas prosseguissem, por meio de recursos, como ambientes virtuais de aprendizagem, plataformas digitais, aulas *on-line* e gravadas e a utilização de redes sociais para comunicação. Desse modo, os professores se tornaram sobrecarregados, e com um novo repertório para apreender (SOUZA, 2021).

É necessário expor que a profissão docente já era permeada pela precariedade muito antes da pandemia, entretanto, com o acirramento das questões sanitárias, teve-se o aumento de trabalho, conflitos e dificuldades, e ainda a pressão para que os profissionais da educação fossem responsáveis pela aprendizagem de seus alunos, enquanto suas próprias vidas pessoais, domésticas e afetivas estavam circundadas pela angústia e a incerteza do momento (FEUERHARMEL; LIMBERGER, 2020).

Com as imposições da pandemia, ocorreu um agravamento do quadro de precarização do trabalho desse grupo de profissionais, como exemplifica, Ferreira e Barbosa (2020, p.3):

No contexto apresentado, encontram-se professoras que diariamente assumem a tarefa de escolarizar à mesa do almoço, letrar crianças junto às bonecas, realizar experimentos científicos à pia cheia de louças, ler histórias à meia luz amarela do quarto de dormir. [...] Juntamente às práticas cotidianas do chão da escola, suprime-se de sua rotina a convivência da sala dos professores, as trocas e os contatos dos corredores, os momentos de diálogo e de interlocução sobre, na e para a prática. [...]

Portanto, nesse período havia toda uma classe trabalhadora, que teve seu meio de sobrevivência colocado em risco, depois sua vida privada invadida pelo seu trabalho, causando uma carga exacerbada de trabalho e responsabilidades, aliadas ao adoecimento, por meio das imposições de que a educação por ser uma atividade essencial, deveria prosseguir independente do custo que seria cobrado aos profissionais da educação.

## **2. Levantamento da temática dos dossiês a partir do contexto pandêmico**

A presente pesquisa se configura como bibliográfica por se embasar em produções acadêmicas para a construção de seu *Corpus*. Marconi e Lakatos (2004, p.183), definem tal tipo de pesquisa como um trabalho realizado em fontes secundárias, ao que retratam o objetivo de tal pesquisa, pontuando que, “[...] sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas” .

No caso dessa pesquisa, foram selecionados apenas artigos científicos, o que se configura assim, como um trabalho do tipo “estado do conhecimento”, por se restringir a apenas um tipo de produções a serem levantadas, analisadas e *corpus* da pesquisa, de modo a utilizá-los para realizar tentativas de responder o problema de pesquisa estabelecido (ROMANOWSKI; ENS; 2006)

Para a realização da presente pesquisa, inicialmente foi realizado o levantamento de dossiês de revistas de variadas regiões do país. As revistas utilizadas possuem abordagens que centralizam suas discussões no campo da educação, e no caso específico dos dossiês levantados, o debate se deu em torno de questões relacionadas à pandemia. No quadro abaixo são apresentados os dossiês utilizados para o mapeamento inicial da pesquisa:

**Quadro 1 - Distribuição dos dossiês utilizados para o mapeamento dos artigos científicos**

Revista	Título do dossiê	Instituição / Programa	Data de publicação
Zero a Seis	Educação infantil em tempos de Pandemia	Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância – Núcleo de Ciências da Educação da UFSC	Janeiro de 2021
Temas & Matizes	A docência frente à pandemia da covid-19: novos desafios, alternativas e perspectivas teórico-metodológicas	Núcleo de Formação Docente e Prática de Ensino, vinculado à Pró-reitoria de Graduação da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Mai de 2021
Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades	Educação, desigualdade e pandemia na América Latina	Núcleo de Pesquisa Educação, História e Ensino de Música do Programa de Pós-graduação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí – UFPI	Julho de 2020
Dialogia	O (Re)inventar da Educação em Tempos de Pandemia	Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho.	Setembro – dezembro de 2020
Aproximação	Educação em tempos de pandemia	Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Centro-Oeste	Outubro – dezembro de 2020

Norus – Novos Rumos Sociológicos	Trabalho e Educação em tempos de pandemia	UFPel – Universidade Federal de Pelotas	Agosto – Dezembro de 2020
Espaço crítico	Educação em Tempos de Pandemia: experiências, possibilidades e desafios do ensino remoto	Núcleo de Pesquisa em Sociedade, Educação e Cultura – NUSEC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, Campus Aparecida de Goiânia.	Junho de 2021
Arma da Crítica		Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE.	Dezembro de 2020
Educar mais	Formação e trabalho pedagógico em tempos de COVID-19: o que estamos fazendo? Percepções desde a Amazônia Legal	Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED) do CaVG/IFSul	Julho de 2021
Educação Básica em Foco	Novo FUNDEB em tempos de pandemia	Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE)	Abril – Junho de 2020
Fronteiras	Ensino de história em tempos de pandemia	Programa de Pós-graduação em História da UFFS	Janeiro – junho de 2020
Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica	Dossiê Narrativas, pandemia e adoecimento social	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph),	Dezembro de 2020
Em Rede – Revista de Educação a Distância	Ensino remoto emergencial: o que aprendemos com a experiência?	Associação Universidades em Rede (UniRede)	Julho de 2021
Revista Científica em Educação	Educação em tempos de COVID19		Outubro de 2020
Interação Interdisciplinar	Caminhos de enfrentamento da pandemia da Covid-19	Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES)	Julho de 2021

Práxis	A era do imprevisto: Pandemia Covid-19 – Parte 1  A era do imprevisto: Pandemia Covid-19 – Parte 2	Programa de Pós- graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale	Maio – setembro de 2021
--------	--	--	-------------------------

Fonte: as autoras, 2022.

A partir dos levantamentos dos dossiês, foi realizada a leitura dos títulos e palavras-chaves dos trabalhos produzidos, de modo a observar qual a temática central dos artigos e posteriormente, a leitura dos resumos para maior aprofundamento, e realização de subdivisões, conforme os assuntos abordados.

Com base nas discussões propostas pelos artigos, foi organizado um quadro, a fim de quantificar e de subdividir os trabalhos conforme os temas, de forma que foi possível levantar os seguintes descritores: direito à educação; autismo; formação de professores; formação humana; desigualdades sociais; racismo; tecnologia; raça, gênero e geração; políticas públicas; educação não formal; educação infantil; movimentos sociais; planejamento de retorno às aulas presenciais; financiamento e infraestrutura; ensino superior; ensino de jovens e adultos; afetividade; precarização do trabalho docente; educação e democracia; xenofobia; *fake news*; ensino remoto; gênero; currículo; educação e geografia; educação no campo; línguas/linguagens; crise estrutural; alfabetização.

Além disso, é importante salientar que os dossiês selecionados compreendem um recorte de tempo entre 2020 e 2021. Para um melhor entendimento do contexto em que se situam, foram elencados três principais momentos durante a pandemia estabelecendo uma conexão com o processo de ensino nesse período, sendo eles: 1ª fase da pandemia: artigos que tratam a transição e condições de trabalho docente presencial para o remoto, desafios iniciais da transição; 2ª fase da pandemia: artigos que abordam das pressões para o retorno presencial sob justificativa da educação como serviço essencial; 3ª fase da pandemia: artigos que tratam da transição do ensino do remoto para o ensino híbrido.

Levando em consideração a problemática do contexto pandêmico relacionada ao trabalho, ou seja, o acentuamento da precariedade do trabalho docente como fruto da pandemia, os artigos que abordam temáticas que fogem de tal proposta foram desconsiderados para a composição do *corpus* da pesquisa. O quadro abaixo apresenta os grupos de artigos que foram selecionados, seguidos por seu quantitativo e as revistas a que pertencem:



**Quadro 2. Quantitativo e temática dos artigos que compõem o *corpus* da pesquisa**

Temática central dos artigos que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa	Quantidade	Revistas a que pertencem
Ensino Remoto	17	Revista Interinstitucional Artes de Educar Giramundo Revista Aproximação; Dialogia; Revista Espaço Crítico; Revista Arma da Crítica; Revista Educar Mais; Revista Educar;
Formação de professores	22	
Tecnologia	28	
Retorno ao Ensino Presencial	2	
Precarização do trabalho docente	18	
Ensino Remoto	17	
Crise estrutural do capital	1	

Fonte: as autoras, 2022.

### 3. Discussão

A cada crise do capitalismo, o trabalho torna-se um objeto de questionamento, de análise, de estudo, de reivindicação, sobretudo porque é a única maneira de produzir e reproduzir os meios materiais para proporcionar a vida em sociedade. Com base no levantamento dos dossiês temáticos da área da educação, acerca da pandemia, o trabalho, é de longe a categoria e o assunto mais discutido. Seja porque, a pandemia fez emergir discussões sobre a importância do trabalho, ou as formas de trabalho sofreram bruscas rupturas no modo de se organizar, ou até mesmo pela privação do trabalho presencial.

Neste texto, pretende-se discutir as temáticas relacionadas ao trabalho na área da educação através do levantamento da temática central dos artigos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Desse modo, utilizaremos a análise feita por Antunes (2020) e o método materialista histórico-dialético, ou seja, olharemos para as múltiplas determinações em sua totalidade para explicar como cada temática se relaciona com a pandemia, trabalho e educação. Contudo, não temos a intenção de esgotar as possibilidades de análise, e sim, enquadrá-las nos pressupostos abordados por Marx, fonte primária de embasamento de Antunes (2020). Assim, partiremos do quantitativo de produções em ordem decrescente.

De acordo com o quadro 2, a temática tecnologia aparece 28 vezes em diversos artigos, formação de professores, 22, precarização do trabalho docente 18, ensino remoto 17, retorno ao ensino presencial 2, crise estrutural do capital 1. Todos os artigos se relacionam com trabalho e fazem menção às formas de trabalho, ou como se deu essa categoria em tempos de pandemia. Contudo, de acordo com o maior número, as temáticas, tecnologia, trabalho docente e ensino remoto são as mais incidentes.

Entende-se, portanto, que o elo entre as temáticas se relaciona com a tecnologia. O trabalho, relacionado à tecnologia, tem especificidades substanciais no modo como é organizado pela sociedade, distintamente, como é utilizado, por quem, e para quem e para quê. No que tange a área da educacional, o tema não é novidade e não aparece como algo trazido pelos tempos pandêmicos, mas que, neste período, teve grande protagonismo.

Os meios e instrumentos tecnológicos foram utilizados para o funcionamento do Ensino Remoto Emergencial na primeira fase da pandemia e seu uso se deu, majoritariamente, com objetivos comunicativos. Na 2ª fase da pandemia, surgiram mais artigos que abordavam a discussão sobre métodos de ensino e aprendizagem através das TIC's, mas também, apareceram as contradições do uso da tecnologia, especialmente, relacionado ao acesso limitado deste recurso por determinados públicos, aliado a falta de formação adequada dos profissionais, levando em consideração a emergência da situação. Na 3ª fase, apareceram os desafios do retorno presencial e o uso da tecnologia desvelou a precariedade das relações de trabalho na educação, pois esta estava sendo utilizada para vilipendiar o trabalho docente, estendendo a jornada de trabalho dos professores e alunos.

Antunes (2020) aponta que o maior imperativo para o trabalho, nos nossos dias, é a produção de mais capital. Qualquer tecnologia que permita a expansão do capital e o aumento da produção é muito bem-vinda e será utilizada pelos donos dos meios de produção para aumentar sua lucratividade. Não importa, portanto, se a tecnologia é rudimentar ou de ponta, a intenção é a mesma. “Nas fábricas onde o velho método de estampar tecidos à mão foi substituído pela máquina, uma só máquina assistida por um adulto ou menor, estampa, em uma hora, a mesma quantidade de tecido a quatro cores, tarefa que exigia antes 200 homens para ser realizada no mesmo tempo”. (MARX, 2013, p. 448).

Neste enquadramento histórico, Marx (2013) demonstra como o uso da maquinaria pelo capitalista opera para substituir a mão de obra humana, deixando um vácuo de função e sentido no modo de produzir a sociabilidade que conhecemos. Vale-nos refletir sobre o paralelo da tecnologia, do Ensino Remoto e do EAD na educação, como novas forças produtivas e na sua

subutilização para a o acúmulo de capital, radicalmente diferente se utilizada para apropriação de novos conhecimentos e socialização dos mesmos.

“Adquirindo novas forças produtivas, os homens mudam o seu modo de produção, e mudando o modo de produção, a maneira geral de ganhar a vida, eles mudam todas as suas relações sociais. O moinho dar-vos-á a sociedade com o suserano; a máquina a vapor, a sociedade com o capitalista industrial” (MARX, 1985, p.43)

Ao dissecar as entranhas do mecanismo nascedouro da Primeira Revolução Industrial, Marx nos indicou como a maquinaria opera para “baratear a mercadoria e a encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador precisa para si mesmo, a fim de encompridar a outra parte da sua jornada de trabalho que ele dá de graça para o capitalista” (MARX, 1985, p.7). O autor ainda revela que esse processo, por gerar maior lucro, é parte das “leis férreas do capital” (MÉSZÁROS, 2006, p.53).

Relacionado a lucratividade, os fins se justificam na precariedade do atendimento ao aluno, pela busca de mão de obra barata e o uso da tecnologia para fazer mais com menos. No EAD, Antunes (2020) menciona que o trabalho educativo já estava previsto para acontecer em massa, sem considerar as especificidades do ensino, do aluno, e sobretudo como se viu na pandemia, do momento.

Atualmente, a adoção da internet (e outras tecnologias da comunicação) permite superar a limitação de um professor atender a somente algumas dezenas de estudantes. Porém, é necessário criar, em contrapartida, uma posição relativamente nova, que é a do tutor de ensino a distância, frequentemente menos especializado que o professor, tratando-se, portanto, de força de trabalho mais barata. O resultado final dessa transformação é o aumento da produção de títulos escolares sem um aumento proporcional da quantidade de professores (LIMA JUNIOR *et al*, 2014, p.16)

Esse aspecto da subutilização da tecnologia na educação, demonstra o descaso com o propósito do ensino, para Antunes (2020) a expansão das TIC 's trouxe a redução dos sentidos do trabalho, tornando o trabalho vivo ainda mais residual. O autor questiona se essa processualidade não levará a extinção completa da atividade humana laborativa.

E então, na esteira de Marx, Tonet (2013) elucida que é neste cenário que a educação está sendo pensada para a classe trabalhadora no Brasil. Dessa forma, o autor postula que a educação brasileira encontra-se em uma encruzilhada, ao admitir que as adversidades das condições de trabalho precarizado podem rebater no processo educativo, e a educação pode também fazer “frente às exigências desse novo padrão de produção e das novas relações sociais”

(TONET, 2013, p.5) ou seguir no caminho de uma educação adaptada para a produção capitalista.

Para Tonet (2013) a educação encontra-se numa “encruzilhada” e para Antunes (2020) o trabalho encontra-se “sob o fogo cruzado”. A semelhança metafórica entre os sentidos assumidos pelos dois autores se dá nas contradições (contradições expressas no sentido de trabalho, enquanto ontológico é vital e essencial para o desenvolvimento da vida em sociedade, mas, se apropriado pelo capital, é alienador e disfuncional, por isso contraditório) do modo de produção capitalista e suas contínuas crises causadoras da precarização do trabalho e de qualquer atividade humana, incluindo a educação. Pois, quanto o trabalho está em crise, “a educação não poderia deixar de participar desta mesma crise” (TONET, 2013, p. 5).

Na leitura da carta apresentação de um dos dossiês analisados no levantamento, Jesus (2022) escreve uma análise sobre o uso da tecnologia na educação e apresenta um panorama histórico de que há algum tempo as tecnologias vêm ganhando espaço no contexto educacional e principalmente, nestes últimos anos elas passaram a compor a vida escolar em diversos níveis, da educação básica ao ensino superior. Contudo, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tiveram início anos de 1960 e 1970 e surgiram para modificar a interação e comunicação das pessoas pelo mundo, trazendo não somente uma mudança social, mas também anunciando como o acesso ao conhecimento se transformaria (DOMINICK; ALVES, 2018).

No contexto da pandemia do Coronavírus (COVID-19), Jesus (2020) explica que essas novas formas de produção da comunicação e das relações sociais modificaram a forma de comunicação no mundo, para mitigar as contaminações, escolas e IES foram fechadas e o ensino passou a ser ofertado por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), de escolha das instituições de ensino (SILUS; FONSECA; JESUS, 2020).

Entretanto, Jesus (2020) ressalta que o uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) não podem estar desconectadas de boas práticas pedagógicas humanizantes e das condições do trabalho direcionado para o ensino, ou seja, existe a necessidade da elaboração de políticas públicas no Brasil para acelerar e possibilitar o uso da tecnologia no trabalho docente, que incluem ações como: melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem por meio das TDICs; promover uma educação científica e tecnológica e possibilitar a criação de um ecossistema de inovação por meio das tecnologias (SILVA, 2011) sem que isso, contraditoriamente, na relação dialética com as formas de produção capitalista, cause mais precarização do trabalho.

Marx, com o seu método, nos ensinou com a crítica que fez às máquinas-ferramentas que não se pode descontextualizar esse processo do desenvolvimento dos meios técnicos, e isto é condição necessária para o surgimento do conceito de classe social. Pois a materialidade do desenvolvimento das forças produtivas e o amadurecimento do capitalismo possibilitam a irrupção de um novo ator social no cenário da sociedade industrial. Dessa forma, a tecnologia pode ter o mesmo impacto na relação entre trabalho e educação neste contexto da chamada 4ª Revolução Industrial através do advento da tecnologia (BEZERRA, 2019).

Por fim, pode parecer que demonstramos, equivocadamente, por causa da digressão da análise de Marx sobre a Primeira Revolução Industrial aplicada ao método histórico. De maneira análoga, relacionamos a atuação do capitalismo virótico, conforme conceitua Antunes (2020) devido à abrupta imposição dos meios tecnológicos no trabalho. Mas, esclarecemos que, na relação dialética do processo histórico no recorte da pandemia, isso já estava subsumido pelos propósitos capitalistas. Logo, a tecnologia em si, não representa a precarização do trabalho, entretanto, utilizada para retirar os direitos dos trabalhadores e no acúmulo do capital sempre produzindo um excedente às custas de produzir mais com menos, isso sim, vilipendia as relações de trabalho, conseqüentemente, as de educação.

### **Considerações finais**

Com base nos estudos realizados sobre a destrutividade do capital no contexto pandêmico e, conseqüentemente, o aceleramento da implementação dos modos de produção capitalista através do advento da tecnologia na educação e no trabalho docente, entendemos que a precarização das formas laborais já era um projeto em curso muito antes da pandemia. Os estudos conduzidos pelos pressupostos marxianos demonstraram que o trabalho, forma ontológica do desenvolvimento do ser social, estava sob crescente vilepencialização antes mesmo da crise da COVID 19, pois, o modo como se organizava o trabalho sob o viés neoliberal voltado, única e exclusivamente, para o acúmulo de capital em benefício da classe burguesa, estava pautado na carência de políticas públicas, de modo a não garantir proteção social, legislativa/jurídica, e a dignidade dos trabalhadores.

Em face a estas constatações, a obra de Antunes (2020) nos forneceu subsídios materiais para pensar a questão da situação do trabalho no cenário de capitalismo virótico, sobretudo no setor educacional e relacioná-lo com as obras encontradas nos dossiês, que revelaram, em sua grande maioria, descreverem experiências e trazerem questionamentos sobre o Ensino Remoto,

o EAD, as TIC's na educação e no trabalho docente, algo que consideramos materialmente circunscrito na realidade histórica deste período.

Essa temática, aplicada ao método materialista histórico-dialético, fez emergir a discussão do trabalho vivo e trabalho morto em Marx, a relação de trabalho e educação voltada para o acúmulo do capital e a desvalorização do trabalho humano. O referencial teórico marxista na área da educação, principalmente, na figura do autor Tonet (2013) e Mészáros (2006) contribuíram para explicar como o trabalho precarizado é rebatido em uma educação precarizada, esvaída da função humanizante de trabalho, abarca conceitos e propósitos privados de trabalho e educação.

Dessa forma, a contribuição crítica deste levantamento perpassa os conceitos de trabalho e educação para pensar a inserção de novos modos de produção através da tecnologia com propósitos capitalistas e ratificar que, conforme a análise crítica que Marx fez sobre Primeira Revolução Industrial ter deixado para trás o mundo rural e suas implicações na contradição capitalista e isso ter agravado a miséria e a sub condição humana, o capitalismo virótico, através dos novos modos de produção e da escassez de formas humanizadas de trabalho em curso tem o potencial de desorganizar radicalmente a sociedade que conhecemos, particularmente as relações no mundo do trabalho.

## Referências

ANTUNES, R. **Coronavírus: O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, R. **O Trabalho e seus Sentidos**. Revista Debate & Sociedade. Uberlândia, V.1, nº 1, 2019.

ANTUNES, R. **O privilégio da Servidão**. São Paulo, Boitempo, 2019.

BEZERRA, V. P. **O metabolismo social da emancipação: Marx e as forças produtivas**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Filosofia. Fortaleza, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Diário Oficial da União, Brasília, 6 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544/2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jun. 2020b.

DOMINICK, R. S.; ALVES, W. B. **Inclusão Digital e Inovação Pedagógica: Diálogo Necessário**. RIAEE–Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Araraquara (SP), v. 13, n. esp. 2, p. 1334-1358, set. 2018.

FIOCRUZ. **O que é uma pandemia?** Disponível em:

<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em 12 de fevereiro de 2023.

FERREIRA, M. G.; BARBOSA, E. I. Antagonismo do isolamento: o distanciamento que protege e vulnerabiliza frente ao contexto de pandemia. **Health Residencies Journal (HRJ)**, v.3, n.1, 2020 Disponível em:

<https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/36> Acesso: 10 Jan. 2023.

FEUERHARMEL, L. D. DE S.; LIMBERGER, V. **Trabalho Docente na Pandemia: uma análise a partir de reportagens em mídia digital**. Anais da Jornada Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Educação da Unisc, 2020. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornacad/article/viewFile/20894/1192613002>> Acesso em: 30 jan. 2023.

IPEA. **Trabalho precário e informalidade: Desprezando suas relações conceituais e esquemas analíticos**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea 2021.

JESUS, D. L. N. **Apresentação do dossiê**. Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS Unidade Universitária de Campo Grande ISBN: 2526-4052. Volume 6 Nº 11, 2022.

LACERDA, T. E. GRECO, R (org.). **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação** – 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

LIMA JUNIOR, P. et al. **Marx como referencial para análise de relações entre ciência, tecnologia e sociedade**. Ciência & Educação (Bauru) [online]. 2014, v. 20, n. 1, pp. 175-194. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1516-731320140010011>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2023.

LIMA, T; EVANGELISTA, J. I; MACIEL, C. E. Pandemia e Educação: **As Políticas Promulgadas na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**. Revista Interação, Varginha, MG, v. 23, n. 2, p. 125-136, 2021. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.33836/Interação.v23i2.614>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2023.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política, Livro III: O processo global da produção capitalista**. São Paulo, Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo, Boitempo, 2006.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S; BARROS, D. **Transitando de um Ensino Remoto Emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de Pandemia**. Dialogia. São Paulo, n. 34, p. 351-364. jan-abr. 2020.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**, Coimbra: Almedina: 2020.

SILUS, A; FONSECA, A. L. C; JESUS, D. L. N. de. **Discursos pedagógicos em “nuvens”**: olhares ao trabalho docente na educação superior com o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Em: INTERLETRAS, Dourados V. 9, Edição número 32, outubro - 2020/março – 2021.s

SILVA, A. C. **Educação e Tecnologia**: entre o discurso e a prática. Ensaio. Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p.527-554, jul-set. 2011.

SOLDERA, L. M. ENTREVISTA COM PROFESSOR DR. RICARDO ANTUNES (UNICAMP - CAMPINAS-SP). *Psicologia em Estudo*, v. 25, n. Psicol. Estud., 2020 25, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.48193>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.

SOUZA, A. S BARROS, C. C. A; DUTRA, F; ROSENFELD, C. L. **Trabalho decente e precarização**. *Tempo Social*, São Paulo, São Paulo, V. 23, n.01, p.247-268, jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12660>. Acesso em: 12 fev. 2023.

TONET, I. **A Educação numa Encruzilhada**. IN: Trabalho, sociabilidade e educação - uma crítica à ordem do capital. MENEZES, Ana M. D. e FIGUEIREDO, Fábio F. (orgs). Fortaleza: UFC, 2003, p. 201-219. IN: Educação contra o capital. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

UNESCO, 2020. **COVID-19: impact on Education**. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2023.

UNESCO. **Metade dos Alunos fora da Escola não têm Computador em Casa**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kKt39t>. Acesso: 8 de fevereiro de 2023.